



QUAIS SÃO OS DESAFIOS DO PT DIANTE DA REALIDADE BRASILEIRA?

A Fundação Perseu Abramo organizou, no mês de novembro, painéis com expositores que formaram uma etapa preparatória para o Seminário “A realidade brasileira e os desafios do Partido dos Trabalhadores”, que vai ocorrer em Brasília, nos dias 5 e 6 de dezembro.

O primeiro encontro, “A nova realidade brasileira e os desafios do PT”, contou com a participação de Renato Janine Ribeiro, Liana Cirne, Lincoln Secco e Márcia Lopes, além das centenas de pessoas que acompanharam a discussão online. O objetivo do evento é debater quais são os principais aspectos da realidade brasileira que podem estruturar e atualizar o discurso do PT para responder aos anseios do povo brasileiro.

1. OS DESAFIOS DO PT

Principais assuntos:

- Renovação de quadros no interior do partido;
- Dependência de Lula enquanto principal articulador político;
- Inclusão social e políticas públicas;
- População enganada x população consciente;
- Escuta das demandas da população periférica pelo partido.

O ex-ministro da Educação e professor de Ética e Filosofia política na Universidade de São Paulo, Renato Janine Ribeiro, ponderou que é preciso se debruçar, de maneira urgente, sobre a renovação de quadros no campo da esquerda, mesmo apontando que o presidente Lula segue como principal articulador, o único capaz de fazer as costuras políticas necessárias junto aos mais variados setores.

“É preciso dizer que a inclusão social pelo consumo talvez tenha chegado ao limite, ela não formou uma educação política”, afirma Janine. O professor aponta a importância de destacar as políticas públicas realizadas pelos governos do PT, que segundo ele, foram deixadas de lado no diálogo com a população. “Falar do aumento de consumo de carne apela para a satisfação pessoal, mas não desenha uma ética, uma convicção de que a grande questão no Brasil é enfrentar a miséria”, exemplifica.

Renato Janine Ribeiro dedicou parte de sua exposição a uma análise sobre as diferenças da atual oposição ao governos petistas, representada nos últimos anos pela extrema direita, com a antiga oposição, formada por legendas como o PSDB, que de acordo com o ex-ministro cometeu um “suicídio político” e que provavelmente jamais voltará à presidência.



“Entender porque as pessoas votam contra seus próprios interesses é uma grande questão que precisa ser olhada com profundidade”, destaca o ex-ministro. Neste sentido, o professor sugeriu que a discussão sobre o assunto precisa começar “do chão”, de baixo para cima, ouvindo os diretórios regionais petistas, e o que a militância que está nos territórios tem a dizer sobre o fortalecimento das pautas conservadoras.

Ele citou como exemplo os “cadernos de queixas” (Cahiers de Doléances) na Revolução Francesa. “Acredito que dessa maneira podemos configurar o novo projeto”, completa. Para Renato Janine Ribeiro, é errada a visão que coloca a população pobre como “enganada” e que “é preciso respeitar o voto e os desejos das pessoas”.

2. SOBRE PROCESSOS ELEITORAIS

Principais assuntos:

- Pauta moral x pauta eleitoral
- Relação do PT com religiosidade católica
- PT e alianças de centro
- Relação com a classe média
- Presença do partido nas periferias
- Espaços de sociabilização de esquerda

Em seu segundo mandato como vereadora no Recife, pelo PT, a doutora em Direito e professora da Universidade do Recife, Liana Cirne, trouxe uma análise em perspectiva com os desafios do partido para o processo eleitoral de 2026. A vereadora destacou a dificuldade da entrada na pauta que é tida como moral, mas lembrou que uma das bases da criação do Partido dos Trabalhadores foi a forte relação com as CEBs, as Comunidades Eclesiais de Base, que realizavam o trabalho de base a partir do viés religioso.

“Acredito que o PT não tem que se alinhar ao centro para um projeto eleitoral, mas o partido precisa decidir qual, predominante, esquerda nós somos. Qual projeto ou qual programa de esquerda nós somos?”, provoca Cirne. Na opinião da professora, é necessário ter bem definidas questões relacionadas à pauta moral e da agenda macroeconômica para que seja possível definir o programa eleitoral.

Professor do departamento de História da USP e autor do livro “A história do PT”, Lincoln Secco opinou que é possível melhorar a comunicação do partido nas redes sociais, mas que há um limite para isso enquanto estratégia, já que as plataformas são espaços privados e que têm seus respectivos interesses; e que não se pode abandonar o diálogo com a classe média, “são trabalhadores também”, aponta.

Para Secco, a esquerda está sim dentro da periferia, mas o que falta é organização. “Tem presença, mas não é uma presença sistemática, não há mais organização dos núcleos da forma como eram estruturados”, comenta. “Hoje não temos mais nenhum espaço de sociabilidade que seja de esquerda”, enfatiza Secco, enquanto lembra da importância dos encontros nos sindicatos, tanto no sentido do debate de ideias quanto no espaço de convivência entre os trabalhadores e suas famílias.

3. A PARTICIPAÇÃO SOCIAL COMO UM CAMINHO

Principais assuntos:

- Ferramentas já existentes no processo democrático do PT;
- Poder compartilhado;
- Ocupações como instrumento de pressão ao Congresso;
- Acúmulo a partir da trajetória do partido;
- Constituição de 88;
- Conferências e Comitês gestores.

Filiada desde os anos 80 ao PT, a ex-ministra de Desenvolvimento Social e Combate à Fome Márcia Lopes construiu sua trajetória a partir da Assistência Social e lembrou diversos momentos em que, com forte construção democrática no interior do partido, foram levantadas propostas objetivas que acabaram como diretrizes de programas sociais que impactaram a vida de milhões de brasileiros.

“É preciso ter coragem, ousadia e olhar para as ferramentas que o partido já construiu, levar para fora, desburocratizar, o espaço de poder só é importante quando é compartilhado”, afirma Lopes. A ex-ministra destacou a força da reação popular em ocupações no Congresso e nas Assembleias nos estados, “dormíamos naqueles carpetes”, lembra.

Para Márcia Lopes, trazer de volta a potencialidade da participação popular pode ser um caminho para “animar a militância”. “Não podemos esquecer do acúmulo que temos na nossa trajetória”, diz a ex-ministra. Ela realça o capítulo da Constituição de 88 como um processo importante de reorganização das pautas sociais e também em uma maneira diferente de gerir o Estado. “Foi o Partido dos Trabalhadores que ousou a partir do que foi construído na Constituição, precisamos retomar essa conversa”, conclui.

Nos últimos anos, a ministra relata a importância do processo de transição do atual governo, que contou com relatórios apurados nas mais variadas áreas, e que há subsídios que podem auxiliar no diagnóstico dos principais problemas sociais que o Brasil enfrenta. Ainda na ideia de tornar mais coletiva as decisões no centro do poder, ela aponta que foram abandonadas as principais instâncias de diálogo existentes em governos petistas anteriores, como as Conferências e os Comitês Gestores.

“Temos que construir paradigmas, estratégias. Nosso campo sabe fazer, nós temos resposta para dar”, opina; e completa: “Nós definimos três ou quatro bandeiras de luta e isso tomava o Brasil, íamos às ruas com unidade”.

ALGUNS PONTOS DA INTERAÇÃO DO PÚBLICO:

É importante debater internamente a retomada do Fórum de Vereadores?

Sim, em especial neste momento de reconstrução das bases do partido, é importante falar sobre a descentralização, focar em mandatos populares e democráticos, que tenham escuta. (Márcia Lopes)

Com níveis altos de abstenção, e com um programa desatualizado, as pessoas estão desencantadas com a política e sem condição de viver com dignidade por conta de jornadas e deslocamentos extenuantes. O governo Lula 3 trouxe a Política de Cuidados, mas sem ressonância no debate eleitoral. Como isso pode entrar no debate programático do partido?

Um bom exemplo é o Fome Zero, uma política intersetorial com pontos muito bem definidos. A política de cuidados é muito importante e dialoga, inclusive, com a economia. Intersetorialidade é o caminho. (Márcia Lopes)

Sobre o corte de gastos: como derrotar o capital financeiro? Os patrões, o agronegócio? É possível pensar para além do processo eleitoral?

O problema está no fato de que não temos muito o que dizer, para além do que já foi feito no passado, não podemos apontar para o futuro, precisaríamos de uma tributação fortemente progressiva, taxar os mais ricos. (Lincoln Secco)

Como a Universidade pode contribuir para o entendimento da nova realidade? Ela está em sintonia com os novos desafios?

Falta discutir sobre o tema, a Universidade precisa se debruçar sobre isso. Os conflitos sociais perderam espaço. (Renato Janine Ribeiro)

É necessário fazer algo do ponto de vista extraordinário para que o PT seja lembrado na história?

Para além dos programas mais conhecidos, é importante destacar a valorização do salário mínimo, que é aquilo que incomoda mais o capital. São esses contornos gerais. Agora, precisamos dar um salto para aumentar os direitos que incomodam o capital. Não é uma questão de cortar gastos, mas sim de aumentar a receita. (Lincoln Secco)

Sobre a juventude chamada de “nem-nem” e a população em situação de rua, como o partido pode ter uma resposta para a base e também para a classe média?

No Plano de Governo de Lula, há informações baseadas em dados, tanto para os jovens quanto para os idosos, já que a população brasileira está envelhecendo. Houve um rompimento do pacto federativo, com a tentativa de golpe, acabaram com a institucionalidade da administração pública federal, inclusive sistemas de computadores. Isso deixou a administração mais lenta para trazer as respostas. É preciso coesionar as áreas, olhar a totalidade, ter algum tipo de pactuação com os estados e municípios. (Márcia Lopes)